

DOCUMENTO FUNDADOR

FEVEREIRO 2014

Eng. Belmiro de Azevedo



EDULOG

Think tank de Educação

Belmiro de Azevedo

Portugal vive um tempo delicado – um tempo em que o Poder, nas suas mais variadas formas, aloca todos os recursos, energia e pensamento à necessidade de sobrevivência.

Por isso, o que trago aqui é o meu contributo para que o país possa semear hoje a sustentabilidade económica, social e cultural que torne Portugal menos vulnerável.

Ofereço o meu tempo, conhecimento e capacidade de mobilização de homens e mulheres de boa vontade que sejam capazes de pensar sobre a formação das futuras gerações e um novo modelo para a educação adequado às prioridades do país.

Tem sido um dos combates da minha vida.

Nas últimas quatro décadas participei em reuniões com governantes, escrevi centenas de páginas onde defendi as minhas convicções sobre o tema, estive em dezenas de colóquios, ofereci experiência a alunos e professores, envolvi-me com e sem a Sonae em programas de apoio e incentivo, estimulei a permanente aprendizagem e desejo de excelência nos colaboradores das várias empresas a que presidi.

Acredito convictamente que é altura de alargar esta batalha ao país. É altura de utilizar a minha credibilidade e experiência para convencer pessoas que tenham as mesmas preocupações e o mesmo desejo de contribuir para o futuro. Que tenham ideias e a capacidade de as defender e por elas lutar até ao fim.

Um grupo de influência. Que consiga construir pontes entre o mundo político, empresarial, académico e toda a sociedade. Entre pais e professores. Entre ministros e empresários. Entre alunos e a comunidade.

Um grupo que contribua para o aumento da influência e para a consistência da sociedade civil, tão frágil em Portugal.

É um desafio para a história. E uma justa compensação para o que julgo ter sido o essencial da minha vida. Deixar ao futuro o meu contributo e a esperança nas próximas gerações, a geração dos meus netos, bisnetos e de seus filhos. Dos nossos filhos.

Sinto que o devo fazer. Sinto ser meu dever passar das palavras aos actos, assumir a responsabilidade de deixar uma hipótese de caminho possível.

Ficarei de consciência tranquila. E profundamente convicto de que mais gente estará comigo nesta vontade de pensar, de influenciar positivamente, de encontrar novos estímulos, ideias e processos.

Criar as condições certas para que todos possam participar. Criar uma consciência colectiva. Cívica. Social.

Uma consciência que começa dentro das famílias – no acompanhamento dos pais, na compreensão dos alunos de que está em jogo o seu futuro.

Uma consciência que se alargará aos empresários que, apostando na inovação e no empreendedorismo, têm a obrigação de criar vínculos com o meio académico.

Uma consciência das universidades de que não existe saber sem uma adequação prática.

Muito do futuro de Portugal passará pela capacidade que a sociedade civil tiver de influenciar uma nova política para a Educação. Pela forma como conseguir fazer nascer movimentos sociais voltados para um pensamento sobre a formação das futuras gerações – movimentos que abarquem líderes empresariais, senadores da República, pessoas respeitáveis pelos seus pares e respeitadas pelos cidadãos, associações de professores e de pais que saibam e consigam mobilizar a opinião pública e criar condições para que as políticas de educação não se alterem em função dos humores de ministros, governos, directores-gerais ou sindicatos.

Um *think tank* que se comprometerá a um pensamento global – não há alteração de paradigma possível sem uma intervenção nos ensinos básico e secundário.

*

Podemos melhorar, ter políticas económicas mais racionais, mas pouco se alterará se não mudarmos o paradigma da educação e o modelo de aprendizagem: é preciso incorporar na educação dos futuros políticos, empresários, professores universitários, advogados, cientistas, médicos ou artesãos a vontade de mudança, o gosto pelo risco e o controlo da vertigem do tempo.

Tudo está acessível a todos. Mas no essencial, pouco mudou: só os mais bem preparados são capazes de gerir e descodificar o manancial de informação disponível, só os mais capazes conseguem orientar-se num mundo de informações e *inputs* tantas vezes enganosos e contraditórios.

Só a educação é um passaporte para o saber e para o sucesso. Precisamos de um saber orientado para o que o país precisa. Se não o for, continuaremos a perder

tempo, como perdemos nos últimos anos, com a criação irresponsável de cursos e mais cursos inúteis, sem qualquer ligação com a realidade e produtores de desemprego e frustração - como se viu depois, com a "limpeza" de alguns desses cursos do catálogo universitário.

A adequação entre o que se ensina e aquilo de que o país precisa é a primeira pedra da construção que desejamos para as gerações do futuro. Sem ela, a economia não crescerá, as empresas continuarão a ter um défice de educação para a competitividade e a mediocridade será o nosso destino.

A qualidade individual sem uma essência colectiva desvanece-se com o tempo. Por muito inteligentes que sejam, as pessoas precisam de desígnios estruturais, precisam de perceber como podem trabalhar em conjunto e colocar os talentos individuais ao serviço da *big picture*.

E também é verdade para as universidades, onde, apesar de alguns progressos, continua a existir uma deficiente comunicação com o exterior e um défice de integração, chamemos-lhe assim.

As empresas e as academias têm vivido, por culpas várias e repartidas, de costas viradas. Os empresários não têm sido capazes de seduzir as universidades e de lhes propor protocolos que canalizem matéria humana de excelência para o mercado de trabalho.

Mas as universidades vivem também mergulhadas nos seus pequenos e grandes problemas e têm dificuldade em assumir a iniciativa.

Como podemos encarar a globalização e ser competitivos se não somos sequer capazes de uma sinergia entre o mundo político, empresarial e académico? Será assim tão difícil a aposta numa cooperação à semelhança das grandes universidades que apostam na transversalidade, no cruzamento de saberes e na procura de uma inovação que seja útil ao mundo?

É nas universidades, mais do que noutra sítio qualquer, que a inovação e a apetência pelo risco deveriam ter o seu habitat natural: são dois *drivers* essenciais para a criação de riqueza e a sua apetência pela ligação ao mundo empresarial é por demais evidente.

Se não fizermos isto, se as universidades não importarem experiência das empresas e não exportarem conhecimento para as empresas, contribuindo para que teoria e prática sejam apenas duas faces de uma mesma moeda - o saber -, então continuamos a desperdiçar tempo e dinheiro.

Inventar novos produtos, novos modelos, novas ideias, novas políticas e processos com um conhecimento dirigido para as prioridades. Educar para a insatisfação permanente, para o rigor, para a crítica, para o desafio da competitividade: esta é uma cultura que, como gosto de dizer, procura saber mais para poder fazer melhor.

Ora, as novas lideranças e o novo país não nascem por geração espontânea! Temos pouco tempo e devemos usá-lo bem, porque já não há margem de erro.

Temos de arriscar na mudança, porque se tudo ficar na mesma, se continuarmos a gastar o que não temos, se continuarmos a ter uma visão estatista, se continuarmos a dispersar riqueza que faz falta ao investimento das empresas e à criação de emprego, se continuarmos a não ter uma estratégia que nos garanta estabilidade no modelo educativo para os próximos vinte anos, então as pessoas procurarão alternativas menos recomendáveis.

O risco de não mudar é infinitamente superior ao risco da mudança.

*

Passados 40 anos pelo 25 de Abril de 1974, o Estado continua a não ser capaz de definir uma política educativa respeitada e suficientemente forte para sobreviver aos ditames e humores partidários de cada momento. Esse é um dos factores que mais tem atrasado o país, que mais tem mergulhado Portugal num poço sem fundo.

Cada novo governo, cada nova remodelação, por vezes cada novo director-geral traz novidades ao sistema e altera modelos educativos.

O país não aguentará muito mais experimentações, não nos podemos dar a esse luxo – a formação das futuras gerações, e a capacidade de nos definirmos enquanto país, passará pela necessidade de uma coerência dos professores, dos programas e, também, pela adequação do que se ensina às necessidades da República.

Torna-se mais fundamental do que nunca encontrar um modelo que seja aceite por todas as partes. Um modelo que possa resistir às mudanças. Que seja imune, no essencial, a alterações ideológicas ou às pressões da actualidade.

Um pacto de regime.

A sociedade civil deve saber mobilizar-se para que esse objectivo possa ser firmado.

*

É essencial pensar sobre os mecanismos de responsabilização perante os resultados das escolas e universidades.

Essencial pensar em soluções que elevem a qualidade média dos estudantes portugueses.

Essencial pensar num modelo que aproveite os melhores alunos, que os apoie e os integre em benefício do país, que privilegie a excelência e o mérito, que os saiba aproveitar.

Essencial pensar numa cultura de empreendedorismo transversal às escolas do futuro – desde a primária até ao mais alto grau académico. Estimular uma cultura de exigência e criatividade.

Essencial pensar em formas de estimular a inovação, a urgência de diferenciação porque será ela que nos fará ser únicos.

Essencial pensar em modelos que privilegiem uma cultura orientada para os resultados, para a prática e não apenas para a construção de modelos teóricos, uma prática que eduque para a insatisfação.

Essencial pensar numa educação que seja uma referência ética, uma educação onde se saiba respeitar o próximo, onde o rigor não é apenas uma palavra, onde se aceite a crítica e se tenham e se saiba respeitar princípios.

Essencial pensar na maneira de conseguir que os alunos sintam que a sua escola é um lugar fundamental para o seu futuro, para a sua vida.

Essencial pensar em novos modelos de liderança dos professores. E também na sua constante auto-crítica, valorização e aprendizagem.

Essencial pensar em modelos de gestão que tornem uma mais-valia a participação mais efectiva das empresas nas escolas.

*

Não teremos futuro sem uma aposta na qualificação dos portugueses nas áreas vitais para o crescimento da economia.

Não teremos futuro sem formarmos gerações adaptáveis à mudança.

Gente que saiba antecipar. Que tenha ideias originais.

Isto também se ensina.

Mantendo-se tudo como até aqui, com uma sociedade civil desligada dos processos de discussão, definição e implementação das políticas de educação, repetir-se-ão os problemas.

Não teremos futuro sem o crescimento de uma ampla consciência social que seja o resultado do entendimento e colaboração entre o Estado, as empresas e as organizações de sociedade civil. A sobrevivência da democracia precisa da criação de novos paradigmas de poder. Uma sociedade civil fortalecida tem a capacidade de identificar problemas e oportunidades que a visão limitada do Estado não consegue alcançar nem sequer prever.

Precisamos de unir esforços.

Precisamos de uma cultura de exigência e superação.

De um ambiente de motivação onde cada um possa desenvolver as suas mais-valias e evoluir.

Precisamos de uma escola que proporcione uma formação técnico-científica sólida, que promova o espírito empreendedor, que ensine a pensar, a formular perguntas e a fazer bem.

Precisamos de formar protagonistas para o futuro, protagonistas do futuro.

Precisamos de um sistema educativo que se abra à sociedade, ao país, à comunidade.

Precisamos de uma mudança que terá de passar muito pelos professores. Pela sua contínua aprendizagem que os leve a estar a par dos avanços tecnológicos, científicos e de pensamento. O professor estagnado contribui para o esmagamento da criatividade de uma geração.

Precisamos de professores que abram horizontes aos alunos.

E de alunos que saibam respeitar os professores, a escola, o país e a si próprios.

Esta é então a primeira pedra. Um manifesto que se possa juntar a outros manifestos. O ponto de partida para um *think tank* que tenha como único e exclusivo objectivo o pensamento e acção acerca da educação em Portugal.